

## OS PRINCIPAIS SISTEMAS ECONÔMICOS JÁ DESENVOLVIDOS NO NORDESTE: PERSPECTIVA HISTÓRICA ANTERIOR A SUDENE

Ricardo Vieira Silva <sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi conhecer os sistemas econômicos que durante muitas décadas foram as principais fontes de sobrevivência e riqueza do povo nordestino e alguns dos motivos que, posteriormente, contribuíram para que o Nordeste se tornasse um problema para o desenvolvimento econômico brasileiro, refletido, inclusive, dentro da política regional do projeto da SUDENE. O trabalho tem um caráter essencialmente bibliográfico, mas fazendo uso de uma revisão da literatura dos livros de economia brasileira mais utilizados no ensino superior, como Celso Furtado e Caio Prado Júnior. Conclui-se que até o século XX o Nordeste não evoluiu muito economicamente, pois sua principal característica foi possuir uma economia de subsistência, sem muita perspectiva de mudança imediata. Essa dificuldade de superar a economia de subsistência, certamente, é um dos elementos mais fortes para a dificuldade de desenvolvimento da região, fazendo-a não conseguir acompanhar o mesmo desenvolvimento de outras regiões, como o Sudeste.

**Palavras-chave:** Nordeste. Sistemas econômicos. SUDENE

### 1. Introdução

O principal objetivo deste trabalho foi conhecer os principais sistemas econômicos já desenvolvidos no Nordeste e alguns dos motivos que, posteriormente, contribuíram para que a região se tornasse um problema para o desenvolvimento econômico brasileiro, refletido na política regional do projeto da SUDENE. Inicialmente, começou-se falando sobre o maior sistema econômico já desenvolvido no Nordeste, que foi a economia açucareira. A discussão prossegue com uma investigação sobre a economia criatória, em especial a criação de gado. Por fim, buscou-se apresentar os motivos que levaram ao surgimento da produção de algodão e as suas contribuições para a região.

### 2. Metodologia

O trabalho tem um caráter essencialmente bibliográfico, tendo em vista que em toda a sua estrutura textual foi escrita tendo com recurso a revisão da literatura acadêmica. Segundo Gil (2008), a principal vantagem dessa modalidade de pesquisa reside no fato de que, em determinadas situações, ela possibilita ao pesquisador uma melhor cobertura dos fatos e fenômenos do que se a investigação fosse realizada diretamente. Em muitas situações, não há outra forma de conhecer os fatos passados, senão com base em dados secundários.

### 3. Resultados

A economia açucareira surgiu no Brasil devido à necessidade de assegurar os recursos de modo a manter a defesa da colônia portuguesa e intensificar a

---

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: ricardov645@gmail.com

## XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

exploração de outras regiões do subcontinente. Os dois grandes núcleos iniciais da cana de açúcar ocorreram na Bahia e em Pernambuco. A alta rentabilidade e o elevado grau de especialização da economia açucareira do Nordeste constituía um mercado de dimensões relativamente grandes, com elevadíssimo coeficiente de importações. Dessa forma, não havia nenhum estímulo para os empresários açucareiros para desviar seus fatores de produção para atividades secundárias. A própria produção de alimentos para os escravos, nas terras do engenho, tornava-se antieconômica nessas épocas (FURTADO, 2005).

Embora os lucros e o montante de capitais invertidos na época fossem bastante consideráveis, a renda que se gerava na colônia estava fortemente concentrada em mãos da classe de proprietários de engenhos (FURTADO, 2005). A grande mobilização de capitais em instalações, escravos e animais, ocorre com uma organização social extremamente hierarquizada, na qual o senhor de engenho, situada no topo da pirâmide social, se contrapõem os escravos (NETO, 1989).

Inicialmente a mão de obra utilizada nas plantações de açúcar era a indígena, a qual exerceu um papel muito importante na etapa inicial de instalação da colônia. A mão de obra africana chegou para a expansão da empresa que já estava instalada. Mas os escravos africanos foram à base de um sistema de produção mais eficiente e capitalizado (FURTADO, 2005; JÚNIOR, 1945).

Até meados do séc. XVII o Brasil será o maior produtor mundial de açúcar, mas a partir de então começaram a aparecer concorrentes sérios: as colônias da América Central e Antilhas (JÚNIOR, 1945).

A economia açucareira dependia de grandes mobilizações de gastos monetários com importação de mão de obra e de equipamentos, simplesmente, para manter a capacidade produtiva. Dessa forma, ao reduzir-se o efeito dinâmico do estímulo externo, a empresa entra numa etapa de relativa prostração. No caso brasileiro, passava-se de uma situação altamente favorável para uma outra de rentabilidade relativamente baixa. A situação fez-se mais grave no século XVIII em razão do aumento nos preços dos escravos e da emigração da mão de obra especializada, que foram determinados pelas condições da expansão da produção de ouro em outras regiões. Como a produção de açúcar no Nordeste esteve em todo o século XVIII abaixo dos pontos altos alcançados no século anterior, parte das antigas unidades produtivas se desorganizaram em benefício daquelas que apresentavam condições mais favoráveis (FURTADO, 2005; NETO, 1989).

Outro importante sistema econômico desenvolvido no Nordeste foi a pecuária. Devido à preocupação política de evitar o surgimento na colônia de qualquer atividade que concorresse com a economia metropolitana, a carne era o único artigo de consumo de importância que podia ser suprido internamente, a qual também estava presente na dieta até mesmo dos escravos. A pecuária foi uma atividade que também nasceu na fronteira litorânea do Nordeste do Brasil. Na época, a criação de gado era considerada um segundo sistema econômico e dependente do primeiro sistema da economia açucareira (FURTADO, 2005).

O gado também era uma das fontes de energia dos engenhos. Ao expandir-se a economia açucareira, a necessidade de animais de tiro cresceu mais que proporcionalmente. Logo no início se evidenciou a impossibilidade de criar o gado dentro das próprias unidades produtoras de açúcar. A separação da

## **XXI Semana de Iniciação Científica da URCA**

*05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri*

atividade açucareira da criatória deu lugar ao surgimento de uma economia dependente na própria região nordestina (FURTADO, 2005).

A criação de gado era uma atividade econômica de características radicalmente distintas da açucareira. Com esta atividade, a ocupação das terras acontecia simplesmente com o aumento dos rebanhos e mão de obra, o que exclui qualquer possibilidade de melhora de rendimentos, sendo ainda insignificante a fração das terras ocupadas de forma permanente. A economia criatória foi o fator fundamental de penetração e ocupação do interior brasileiro (FURTADO, 2005; CARVALHO, 2001).

Na sua etapa inicial, a pecuária era uma atividade econômica induzida pela economia açucareira e de rentabilidade relativamente baixa e que diminui à medida que as distâncias do litoral iam aumentando. Dessa forma, à medida que a criação de gado ia crescendo, a renda média da população nessa economia ia diminuindo. A condição fundamental de sua existência e expansão era a disponibilidade de terras. Devido à natureza dos pastos do sertão nordestino, rapidamente os rebanhos penetraram no interior, cruzando o São Francisco e alcançando o Tocantins e, para o norte, o Maranhão nos começos do século XVII (FURTADO, 2005; CARVALHO, 2001).

A economia criatória, diferentemente da açucareira, não dependia de gastos monetários no processo de reposição do capital, nem da expansão da capacidade produtiva. Na pecuária o capital se repunha automaticamente sem exigir gastos monetários de significação. As condições de trabalho e alimentação na pecuária eram melhores que da economia açucareira e propiciavam um forte crescimento vegetativo de sua própria força de trabalho. Dessa forma, sempre existia oportunidade de emprego para a mão de obra que crescia vegetativamente e também para elementos que perdiam sua ocupação no sistema açucareiro na fase de lenta decadência (FURTADO, 2005).

O crescimento do sistema pecuário se fazia através do aumento relativo do setor de subsistência. Isso repercute no grau de especialização da economia e no sistema de divisão do trabalho dentro da mesma. Muitos artigos que eram importados ou comprados no litoral teriam agora de ser produzidos internamente. Porém, essa produção limitava-se ao âmbito local, constituindo uma forma rudimentar de artesanato. O couro dos animais substituiu quase todas as matérias primas (FURTADO, 2005).

Do final do século XVII ao começo do século XIX a economia nordestina sofreu um lento processo de atrofiamento e o resultado foi o aumento do setor de subsistência. Isso também constituiu o mesmo processo de formação do que no século XIX viria a ser o sistema econômico da região Nordeste do Brasil, cujas características persistem até o momento (FURTADO, 2005).

A medida que a economia açucareira entra em decadência, o Nordeste vai-se transformando em um sistema econômico de populações dispersas, produzindo apenas para a subsistência imediata, pois é caracterizada por um baixo nível de produtividade e uma divisão de trabalho que envolveu (Neto, 1989). Dessa forma, o Nordeste se foi transformando progressivamente numa economia em que grande parte da população produzia apenas o necessário para subsistir. Isso certamente foi elemento básico do problema econômico brasileiro em épocas posteriores (FURTADO, 2005).

Ocorre na segunda metade do século XVIII mais um fator particular de estímulo à agricultura: a produção de algodão. O algodão é um produto nativo da

# XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018

Universidade Regional do Cariri

América e já era utilizado pelos nossos indígenas antes mesmo da vinda dos europeus. Mas foi com a colonização que o seu cultivo se difundiu, passando a ser fiado e tecido em panos grosseiros, para depois servir de vestimenta dos escravos e das classes mais pobres (JÚNIOR, 1945; CARVALHO, 2001).

As inovações que ocorram no século XVIII, com a máquina a vapor (1769) e o tear mecânico (1787), proporcionaram um grande incentivo à cultura do algodão, a ponto de tornar-se uma das matérias primas industriais de maior procura no mercado internacional (NETO, 1989). A atividade industrial na Inglaterra foi muita intensa durante os anos das guerras napoleônicas, com isso a procura de algodão cresce fortemente, fazendo o Nordeste dedicar-se boa parte de seus recursos à produção desse artigo (FURTADO, 2005). Esta atividade dinamizou alguns centros urbanos regionais e ofereceu suporte ao surgimento de vilas, cidades e povoações (CARVALHO, 2001).

A produção de algodão no Nordeste começou a ganhar força quando os dirigentes da companhia de comércio altamente capitalizada – Companhia geral do comércio do Grão-Pará e do Maranhão – se concentraram na produção de algodão (em fase de crescente demanda) e também do arroz (que não sofria restrições na Europa). Percebendo que o algodão era um produto tropical e que sua procura estava crescendo com intensidade cada vez maior, os dirigentes da companhia forneceram créditos, escravos e ferramentas aos lavradores, estimulando-os a se dedicarem ao produto, cuja favorável conjuntura começava a se delinear (FURTADO, 2005; JÚNIOR, 1945).

A economia do algodão, diferentemente da açucareira, não exigia importantes investimentos na sua produção, pois, além de grandes proprietários, ela também estava ao alcance de pequenos proprietários, foreiros, sitiantes e moradores. Outrossim, não foi utilizado a mão de obra de escravos, os quais ainda se mostravam onerosos (CARVALHO, 2001).

A cultura do algodão dissemina-se por quase todo o território brasileiro e o País alinha-se entre os grandes produtores mundiais da fibra. No começo do século XIX o algodão era o segundo produto das exportações brasileiras. Mas, ao iniciar-se a produção em grande escala nos EUA e ao transformar-se o algodão em uma matéria-prima considerada a principal do comércio mundial, os preços se reduziram a menos da terça parte, os quais se mantiveram em torno desse mesmo patamar, com flutuações somente a partir do terceiro decênio do século XIX. Com o declínio dos preços, a área algodoeira restringe-se e estabiliza-se com índices muito baixos, tornando a rentabilidade do negócio algodoeiro extremamente baixa no Brasil, constituindo para as regiões que o produziam um complemento da economia de subsistência (FURTADO, 2005; JÚNIOR, 1945).

## 4. Conclusão

A economia açucareira não teve seus recursos destinados para atender as necessidades da maior parte da população. Tratava-se de uma atividade muito lucrativa, mas que toda a sua riqueza era concentrada nas mãos dos grandes fazendeiros, proprietários de engenhos, sendo que quase toda a renda tinha como destino o Portugal.

A pecuária, embora tenha sido uma atividade muito importante para a economia da região Nordeste e para a ocupação das demais regiões do território brasileiro, era apenas um segundo sistema econômico, pois dependia

# XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018  
Universidade Regional do Cariri

do primeiro sistema que era a economia açucareira para existir. Trava-se de uma atividade desenvolvida com a única finalidade de subsistência da população, pois a carne não era um produto de exportação.

A produção de algodão foi muito relevante para a economia do Nordeste. Mas a fase dos altos preços do produto durou muito pouco, pois logo começou a surgir sérios concorrentes no Mercado internacional, como os EUA, fazendo o preço cair a mais da terça parte. Com isso, essa atividade acabou se tornando mais uma das formas de complementar a economia de subsistência na região.

Dessa forma, até o século XX o Nordeste não evoluiu muito economicamente, pois sua principal característica foi possuir uma economia de subsistência sem muita perspectiva de mudança imediata. Essa dificuldade de superar a economia de subsistência, certamente, é um dos elementos mais fortes para a dificuldade de desenvolvimento da região, fazendo-a não conseguir acompanhar o mesmo desenvolvimento de outras regiões, como o Sudeste.

## 5. Referências

- CARVALHO, F. F. de. **Da esperança à crise: a experiência das políticas regionais no Nordeste**. 173 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Instituto de Economia. Campinas, SP, 2001. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286132>>. Acesso em: 13 de Set. 2018.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas S. A., 6ª edição, São Paulo, 2008. Disponível em: <[https://www.google.com/search?ei=yUkiW5\\_cDcinwASTIlvYDA&q=GIL%2C+A.+C.+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Pesquisa+Social.+Editora+Atlas+S.+A.%2C+6%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o%2C+S%C3%A3o+Paulo%2C+2008&oq=GIL%2C+A.+C.+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Pesquisa+Social.+Editora+Atlas+S.+A.%2C+6%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o%2C+S%C3%A3o+Paulo%2C+2008&gs\\_l=psy-ab.3...8554.8554.0.10564.1.1.0.0.0.213.213.2-1.1.0...0...1c.1.64.psy-ab.0.0.0....0.s8mQnh8orVQ](https://www.google.com/search?ei=yUkiW5_cDcinwASTIlvYDA&q=GIL%2C+A.+C.+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Pesquisa+Social.+Editora+Atlas+S.+A.%2C+6%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o%2C+S%C3%A3o+Paulo%2C+2008&oq=GIL%2C+A.+C.+M%C3%A9todos+e+T%C3%A9cnicas+de+Pesquisa+Social.+Editora+Atlas+S.+A.%2C+6%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o%2C+S%C3%A3o+Paulo%2C+2008&gs_l=psy-ab.3...8554.8554.0.10564.1.1.0.0.0.213.213.2-1.1.0...0...1c.1.64.psy-ab.0.0.0....0.s8mQnh8orVQ)>. Acesso em: 14 de Maio de 2018.
- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. Editora Uzete Mercadante Machado, 32º Ed., São Paulo, Brasil, 2005. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj4\\_u6i0o3dAhVDFZAKHWaKBQkQFjAAegQICxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.afoiceeomartelo.com.br%2Fposfsa%2FAutores%2Ffurtado%2C%2520Celso%2FCelso%2520furtado%2520-%2520Forma%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Econ%25C3%25B4mica%2520do%2520Brasil.pdf&usg=AOvVaw0l2DapOi4LLwnxeC7c-vf4](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj4_u6i0o3dAhVDFZAKHWaKBQkQFjAAegQICxAC&url=http%3A%2F%2Fwww.afoiceeomartelo.com.br%2Fposfsa%2FAutores%2Ffurtado%2C%2520Celso%2FCelso%2520furtado%2520-%2520Forma%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520Econ%25C3%25B4mica%2520do%2520Brasil.pdf&usg=AOvVaw0l2DapOi4LLwnxeC7c-vf4)>. Acesso em: 27 de Agosto de 2018.
- JÚNIOR, C. P. **História econômica do Brasil**. 1945. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-historia-economica-do-brasil-caio-prado-junior-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 27 de Agosto de 2018.
- NETO, L. G. **Introdução a Formação Econômica do Nordeste**. Editora Massangana, Recife, Pernambuco, 1989.